

Catarina Patrício é artista e investigadora em pós-doutoramento com bolsa FCT no pólo FCSH do CIC.Digital, com o programa de trabalhos «Smart City: Cinema, Utopicidade e Governamentalidade na Cidade Pós-Industrial».

Professora de Antropologia do Espaço no departamento de Arquitetura e Urbanismo da ECATI-ULHT desde 2010, é doutorada em Ciências da Comunicação pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (2014), na especialidade Cultura Contemporânea e Novas Tecnologias, uma investigação sobre Técnica, Guerra e Cinema financiada pela FCT.

Mestre em Antropologia dos Movimentos Sociais pela FCSH-UNL (2008), Catarina Patrício é licenciada em Pintura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (2003) e estudou fotografia na Fachhochschule Bielefeld em 2000.

Patrício desenvolve a sua atividade entre a prática artística, o ensino e a investigação científica.

catarinapatricio.weebly.com



Como desenhar de um computador e cadáver de Bombardier, 2012

PAISAGENS CINEMÁTICAS

exposição de
CATARINA PATRÍCIO

12 OUT a 10 NOV 2018
Biblioteca Municipal Rocha Peixoto



Biblioteca Municipal Rocha Peixoto | Rua Manuel Lopes | 4490-664 Póvoa de Varzim
+351 252 616 000 | biblioteca@cm-pvarzim.pt | cm-pvarzim.pt/biblioteca
horário de segunda a sexta: 9h -19h / sábados: 14h-18h

An event has a future. This means that an event mirrors within itself such aspects as the future throws back on to the present, or, in other words, as the present has determined concerning the future. Thus an event has anticipation: The prophetic soul of the wide world dreaming on things to come.

Alfred North Whitehead

Existe uma linha que atravessa os desenhos, uma ambivalência própria ao recorte, ao real, ao cinema. E a afeção-cinematográfica revolve-se assim, numa espécie de antecipação que explora no presente, inquietantemente, fragmentos *do que foi* e indícios *do que ainda não é* – o presente, a deixar de o ser; e o futuro, a colocar-se entre a multiplicidade de futuros possíveis. No recorte pode mesmo ensaiar-se um rasgo no presente e libertar um futuro ainda por vir. William S. Burroughs chamava-lhe *cut-up*. É uma técnica que vive na herança do poema *Dada* e pressupõe entremear inscrições com outras tantas. Texto, som, imagem, tudo pode ser arrolado, cortado e assemblado. Refeito em novo objeto, é pela montagem que se tensiona o presente enquanto se distendem linhas para um futuro.

Desenhar recortes do cinema e recoloca-los de novo em circulação, no imenso fluxo de onde foram extraídos. A garantia da *imagem-ação* está na possibilidade de um encontro, ou melhor, na noção de *duelo*¹ – duelo com o outro, com a natureza e consigo próprio. É assim que se «estabelecem novas conexões entre imagens e o campo de visão que, a partir daí, se expande» – dissera-o Burroughs.

Como deixei de me apoquentar e adorei a bomba #3, o desenho-convide para esta exposição, ensaia uma narrativa em torno de uma trilogia de «ocorrências» aéreas: o ataque da natureza - cena do *The Birds* (1963) de Hitchcock -, o avião caça que se despenha no mar e, por último, o desastre de Hindenburg e o zepelim que se acidenta consumindo a *humanidade*.² E há outras paisagens cinematográficas a ver até 10 de novembro na Biblioteca Municipal Rocha Peixoto, na Póvoa de Varzim.

Catarina Patrício

¹ Deleuze explica a imagem-ação na tensão entre dois pólos: um que remete para o orgânico (o cinema tido como um organismo enquanto conjunto de qualidades-potência) e um outro ativo, o duelo que remete para forças antagónicas. (Deleuze 1983, *A Imagem-Movimento: Cinema 1*)

² «Oh the humanity!» clamou o jornalista Herbert Morrison ao relatar o desastre de 1937.



Visitas, visitas... há muitas visitas
Grafite e carvão sobre papel. 117x86 cm, 2018